



Cuba e Estados Unidos: crises migratórias.

Uelma Alves da Silva¹

Recebido em: 10/03/2019

Aprovado em: 24/04/2019

RESUMO

O objetivo deste artigo é abordar as crises migratórias entre Cuba e Estados Unidos após a Revolução Cubana que forçaram os dois países a manterem um diálogo ao longo dos anos e mostrar a análise de Fidel Castro sobre esses períodos. No início dos anos 2000, ele concedeu uma entrevista para Ignácio Ramonet, a qual foi publicada no livro *Fidel Castro: biografia a duas vozes* (2016) o resultado de 300 horas de diálogo entre os dois. Dentre os muitos assuntos de que trataram, as migrações pela qual passou Cuba foi um dos discutidos por eles. As três crises migratórias que marcaram a história cubana são: Camarioca (1965), Porto de Mariel (1980) e a Crise dos Balseiros (1994). Fidel Castro discute também A Lei do Ajuste Cubano de 1966, que garantiu a entrada legal de povos cubanos aos Estados Unidos, tendo se tornado uma lei de incentivo para a emigração de cubanos para os Estados Unidos.

Palavras-chave: Crise migratória. Cuba. Estados Unidos. Fidel Castro.

Cuba and United States of America: migratory crises

ABSTRACT

The aim of this article is the migratory crises between Cuba e United States of America after the Cuban Revolution that forces both countries to maintain dialogue across the years and show the point of view of Fidel Castro about this process. In the early century, he made an interview to Ignacio Ramonet that was published in his own book called *Fidel Castro: My Life: A Spoken Autobiography* (2016) the result of 300 hours of this chat. Among the subjects that were discussed the migratory crises from Cuba to the United States of America was a topic discussed by them. The three migratory crises that marked the Cuban history are Camarioca (1965), Port of Mariel (1980) and the *Balseros* Crises (1994). Fidel Castro also discusses The Cuban Adjustment Act of 1966, which guaranteed the legal entry of Cuban people to the United States, an act of encouragement for the emigration of Cubans to the United States.

Keywords: Migratory crises. Cuba. The United States of America. Fidel Castro.

¹ Mestranda em História pela Universidade de Brasília e graduada pela mesma instituição. Bolsista CAPES no Programa de História Política (PPG-HIS-UNB). Link Currículo Lattes: <<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?metodo=apresentar&id=K8130120U7>>. E-mail para contato: uelma.as@gmail.com



1 INTRODUÇÃO

Em meio a Guerra Fria, disputa de proporções globais entre Estados Unidos defendendo o sistema capitalista e a União Soviética defendendo o comunismo, uma revolução acontecia na América Latina. Fidel Castro e seus aliados passaram a tomar conta de Cuba a partir de janeiro de 1959 e uma das primeiras medidas foi nacionalizar as empresas dos Estados Unidos que exerciam atividade econômica na ilha, tornando a relação ainda mais problemática com o vizinho do norte, que aguardava o rumo do novo governo com desconfiança (GOTT, 2006, p. 213).

O projeto revolucionário de Fidel Castro começou a tomar forma com os passar dos anos. Inicialmente sem definir um tipo de regime, Cuba se distanciava dos Estados Unidos à medida que a URSS oferecia seu apoio. Depois que o cubano finalmente tomou partido anunciando o caráter marxista-leninista da Revolução em 1962, a União Soviética passou a ser o principal parceiro da ilha. No continente a relação não era favorável pois após Cuba ser expulsa da Organização dos Estados Americanos (OEA) no referido ano, devido a adesão ao comunismo, e muitos países romperem suas relações diplomáticas, o país ficou cada vez mais isolado.

O ponto alto dessa tensão entre os dois países foi a crise dos mísseis. A URSS secretamente instalou em Cuba 42 mísseis soviéticos apontados para território estadunidense— uma ação resultante de um acordo de ajuda militar ao governo socialista cubano. Após especulações de uma terceira guerra mundial, EUA e URSS firmaram um acordo em relação ao uso de armas nucleares. Cuba ficou com a má fama de inimiga americana à qual ninguém queria (BEZERRA, 2012, p. 179).

Os cubanos que saíram de Havana após a revolução eram uma maioria de classe média e rica e acabaram deixando suas propriedades para trás, que foram concedidas aos que viviam em regiões mais pobres, como as populações negras e estudantes que passaram a ocupar essas residências. Por outro lado, os que fugiram eram os opositores do regime fazendo com que à medida que eles iam embora a oposição também desaparecesse— hipótese essa sustentada por historiadores que chegam a atribuir essa falta de oposição política como uma das causas da longevidade da revolução cubana (GOTT, 2006, p. 242).

Com o passar dos anos muitas eram as pessoas que deixavam a ilha com os Estados Unidos como principal destino, onde já se estabelecia cada vez mais uma comunidade cubana,



embora muitos tivessem a esperança de poderem retornar quando Castro já estivesse fora do poder. É interessante notar a fala de Fidel Castro sobre a migração aos EUA, esclarecendo que elas sempre ocorreram ao longo da relação entre os dois países:

Sempre houve gente – era tradição- que queria ir para lá; idealizavam esse país, por causa dos filmes, depois também por causa da Guerra Mundial. Em 1958, a população cubana registrada oficialmente nos Estados Unidos chegava já a 125 mil, incluindo os descendentes. Isso foi antes de 1959, não fazia tanto tempo que terminara a guerra, o fascismo, o Holocausto e todas essas coisas... Eles concediam cerca de 2 ou 3 mil vistos, talvez, por ano. O poder, as riquezas, muita gente de Cuba educada numa idealização dos Estados Unidos e, sobretudo, a idealização – lembre-se de que é importante – do automóvel, dos recursos, dos salários, em uma população que não tinha acesso à educação e onde havia 30 por cento de analfabetos e semianalfabetos. Esse país exercia uma enorme atração. E, a partir do triunfo da Revolução, o tema migratório, em especial para os Estados Unidos, recebeu um impacto fenomenal. Com esse país foram estabelecidas, então, a respeito desse tema, novas e conflituosas relações. Estima-se que, entre 1959 e 1962, foram para os Estados Unidos mais de 270 mil pessoas, entre elas milhares de médicos, engenheiros, professores, quadros técnicos... E uma parte dos primeiros 70 mil que foram não cumpriu os trâmites migratórios (RAMONET, 2016, p. 307).

A atração que Fidel Castro destaca é ignorada por aqueles que fazem dessas migrações uma questão apenas de oposição ao governo cubano. Antes que as ondas migratórias tomassem forma com milhares de pessoas querendo deixar Cuba, uma ação estadunidense mudou o rumo da vida de muitos cubanos. A operação organizada através da Agência de Inteligência (CIA em sua sigla em inglês) junto do arcebispo norte-americano Coleman Carroll fez com que crianças cubanas fossem levadas para os EUA com a ajuda da Igreja Católica de Cuba. Essa que ficou conhecida como Operação *Peter Pan* foi o resultado principalmente da falsificação de um documento fraudado pela CIA no qual o governo cubano supostamente teria determinado:

Artigo 3 — [...] A partir da vigência da presente lei, o pátrio poder das pessoas menores de vinte anos de idade será exercido pelo Estado.

Artigo 4 — [...] os menores permanecerão sob os cuidados de seus pais até a idade de cinco anos, a partir da qual sua educação física, mental e cívica será confiada à Organização de Círculos Infantis, os quais serão responsáveis pela guarda e pelo pátrio poder dos referidos menores.

Artigo 5 — [...] tendo em vista sua educação cultural e capacitação cívica, a partir dos dez anos de idade qualquer menor poderá ser trasladado para o lugar mais apropriado para a consecução de tais objetivos, sempre tendo em conta os mais altos interesses da nação.

Parágrafo 1º — A partir da publicação desta lei, fica proibida a saída do território nacional de todas as pessoas menores de idade.

Parágrafo 2º — O descumprimento dos preceitos compreendidos na presente lei será considerado delito contrarrevolucionário, sancionável com pena de prisão de dois a quinze anos, conforme a gravidade do delito (MORAIS, 2011, p. 33).



O escolhido para executar o plano pela arquidiocese foi Bryan Walsh, que entrou em Cuba com menos de 500 vistos a ser concedido para as fugas, mas logo percebeu que não seriam suficientes devido ao sucesso da ação. O resultado foi a fuga de 14.048 crianças, segundo a Organização Não Governamental *Pedro Pan Group*, entre meninos e meninas que foram instalados em orfanatos católicos e instituições de caridade, muitos abandonando para sempre seus pais (MORAIS, 2011, p. 34).

A operação acirrou ainda mais a tensão já existente com os Estados Unidos que estavam dispostos a não deixar o comunismo se alastrar na região. Após esse período, três importantes crises migratórias foram responsáveis para que se aprimorassem as leis migratórias entre Cuba e Estados Unidos²: Camarioca (1965), Porto de Mariel (1985), Crise dos balseiros (1994).

2 CRISES MIGRATÓRIAS: DIÁLOGOS ENTRE CUBA E ESTADOS UNIDOS

2.1 Camarioca

Após a crise dos mísseis³ os voos entre EUA e Cuba foram interrompidos totalmente. Fidel Castro anunciou que a participação na revolução era voluntária levando muitos a migrarem. O cubano comentou o ocorrido com Ignácio Ramonet:

Foi primeiro em Camarioca, foi em outubro de 1965, como estou dizendo, que cortaram as viagens, não deixavam entrar nos Estados Unidos. Então começaram as saídas ilegais e os problemas e a propaganda. Os que estavam ali – já havia ido para lá um bom grupo, como lhe disse – tinham recursos, porque os primeiros que foram eram os chefes com dinheiro; os mais pobres ainda não conheciam o caminho; foram embora, como já disse, profissionais, médicos, operários qualificados, professores etc. E nós resistindo aqui. Mas cortaram a possibilidade de viajar no momento da Crise de Outubro, e começam a acontecer todos esses problemas da separação, e as saídas ilegais, com vários riscos, os acidentes... Então dissemos: “Não, não é necessário correrem riscos, venham buscá-los”. E habilitamos um pequeno porto, Camarioca, perto de Varadero. Vieram até mil barcos, porque confiaram totalmente no que dissemos: “Podem vir buscá-los, podem ir embora”. Entre outubro e novembro de 1965, por Camarioca, saíram, livremente, umas 300 mil pessoas (RAMONET, 2016, p. 310).

² A classificação aqui apresentada está de acordo com a obra: GOTT, Richard. *Cuba: uma nova história*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006. O leitor poderá encontrar outras classificações em outras obras e trabalhos.

³ Crise que quase levou o mundo a uma Terceira Guerra Mundial, os soviéticos instalaram mísseis em Cuba o que significou uma ameaça de ataque aos Estados Unidos, que solicitou a retirada dos mísseis da ilha. Após tensas negociações a União Soviética retirou o armamento deixando Cuba em uma situação mais complicada com os Estados Unidos.



Logo após essa onda foi criada a Lei de Ajuste Cubano assinada por Lyndon Johnson em 03 de outubro de 1966. A lei era aplicada a cubanos que após 1959, mesmo que de forma ilegal, entrassem no país, os quais receberiam asilo político e documentação de residente permanente que dava "autorização para trabalhar e inscrever-se no serviço social, direitos que se estendiam ao cônjuge e aos filhos menores de 21 anos. Era o oposto do tratamento destinado às hordas de latinos que tentavam entrar nos Estados Unidos" (MORAIS, 2011, p. 34). Nos quatro anos após a lei foi transportada de Varadeiro a Miami mais de 270 mil cubanos. Essa lei incentivou muitos cubanos a emigrarem de forma ilegal para os EUA. Sobre o assunto Fidel Castro chama atenção para o fato de estes que emigram sempre serem considerados exilados.

[...] todos que saem de Cuba são "exilados". Há mais de quarenta anos, todos os que saem daqui são "exilados", "inimigos do regime socialista"... E acontece que os cubanos têm os níveis mais altos de educação entre os latinos, e, portanto, nos Estados Unidos, têm os mais altos salários entre os latinos, porque muitos dos que chegam de outros lugares aos Estados Unidos são analfabetos, semianalfabetos, gente que não tem uma profissão, e só vão para colher tomates, vegetais, uma força de trabalho mais barata. Na realidade, se houvesse uma Lei de Ajuste para a América Latina, acho que mais da metade dos residentes nos Estados Unidos seriam latino-americanos. Agora, imagine uma Lei de Ajuste para a China, para os países da Ásia, até mesmo da Europa... Nem dá para imaginar quanta gente das regiões pobres da Europa ou desempregados emigrariam para os Estados Unidos (RAMONET, 2016, p. 318).

É interessante observar a visão dele sobre a Lei de Ajuste, pois Cuba ainda é tratado como o país vilão e inimigo dos Estados Unidos, onde seus habitantes tentam escapar do regime socialista, uma visão ainda pautada nos tempos da Guerra Fria, apesar dessa ter acabado com o fim da União Soviética.

2.1.1 Porto de Mariel (1980)

Na tarde de 1º de abril de 1980 seis cubanos invadiram com um caminhão a embaixada do Peru no distrito de Miramar em Havana matando um guarda cubano. O embaixador recusou-se a entregar os refugiados que ali permaneceram, uma exigência do governo cubano, pois devido ao ocorrido eles passaram a ser considerados criminosos comuns. A decisão foi do chefe do governo peruano Morales Bermúdez, que decidiu oferecer asilo político aos cubanos. Caso o governo autorizasse a saída dos seis cubanos estaria dando suporte para a fuga através de ações como esta. Caso negasse, transformava-os em mártires reforçando a recorrente acusação de violação dos direitos humanos na ilha. A saída encontrada veio em uma pequena nota:



Diante da negativa do governo peruano de entregar os delinquentes que provocaram a morte do soldado Pedro Ortiz Cabrera, o governo cubano se reserva o direito de retirar a guarda de proteção da embaixada. A referida sede, portanto, fica aberta a todo aquele que quiser sair do país (MORAIS, 2011, p. 35).

O resultado foi 10 mil pessoas querendo se instalar na sede da embaixada do Peru que se viu em meio a um problema com a grande quantidade de cubanos. Apesar disso, afirmou que podia abrigar 1000 mil pessoas recebendo ajuda do Canadá que garantiu 600 abrigos, assim como a Costa Rica que ofereceu 300 abrigos. O presidente dos Estados Unidos, James Earl Carter Jr., quis participar no que ficou conhecido como *Política dos Braços e Corações Abertos*, ressuscitando a Lei do Ajuste. O governo cubano acatando a decisão de Carter, abriu o Porto de Mariel para qualquer cubano que quisesse sair de Cuba. O resultado foi a chegada de 100 mil cubanos, correspondente a 1% da população de Cuba, em Miami (MORAIS, 2011, p. 36).

O presidente Carter decidiu por abrigar os 20 mil cubanos, dos quais 6 mil faziam parte do grupo dos chamados excluíveis, presos e doentes mentais, no estado de Arkansas- governado na época por Bill Clinton. Perto da cidade ficava um acampamento militar que não funcionava desde a Segunda Guerra Mundial chamado *Fort Chaffe* onde seriam abrigados os cubanos. Era ano de eleição e Clinton se preocupava com o impacto de tal ação frente à população de 60 mil habitantes, às quais 50 mil eram brancos e protestantes. Apesar dos protestos do governador sobre tal decisão desembarcaram na cidade cerca de 25.390 imigrantes e pouco depois da chegada cerca de 200 fizeram *quebra-quebra* nos comércios mobilizando a Guarda Nacional. O fato obrigou Clinton a pedir ajuda de tropas federais considerando possíveis ataques por parte da população local devido ao aumento do número de compra de armas na região onde estavam os cubanos. Apesar de tentar contornar a situação visando à continuação do cargo, Clinton perdeu as eleições seguintes (MORAIS, 2011, p. 36-38).

O mesmo aconteceu com Carter, substituído por Ronald Reagan que surgiu com um novo acordo de normalização das relações migratórias tentando solucionar a questão Mariel. A chegada de cubanos deu a população de Miami uma nova face, pois em 1960 a população era formada por 80% de brancos, já em 1990 eram representados por 12% apenas, 24% de população negra e 62% de hispânicos, adquirindo cada vez mais força política no estado (MORAIS, 2011, p. 37-38). Fidel Castro comenta detalhes da negociação com Reagan:

[...] Com Ronald Reagan fizemos o primeiro acordo, assinado em dezembro de 1984. E ele foi flexível, porque tinha interesse em devolver os “excluíveis”. Reagan estava interessado em um acordo sobre os chamados “excluíveis”, gente que entrara pelo porto de Mariel em 1980 e que eles queriam nos devolver, uma lista dos que haviam cometido crimes e estavam detidos ali. Então aceitamos, e lhes dissemos: “Façam a



lista dos excluíveis”. Havíamos feito um acordo, na verdade, para esse problema. Um número de “excluíveis”, com nome e sobrenome, 2 mil e tantos, e então concederiam até 20 mil vistos por ano, como um elemento de troca.

Chegamos a um acordo, e aceitamos receber os “excluíveis”. Alguns ainda estão vindo, daquela lista; eram 2 mil e tantos. Depois de cumprirem pena lá, são logo enviados para cá.

Depois daqueles acordos, formou-se uma situação tensa que os paralisou por um tempo, entre 1986 e 1987. Isso coincidiu com uma iniciativa, a criação da Rádio Martí. Foram muito poucas as vezes em que eles agiram de boa-fé. Depois voltaram a retomar os acordos; foi preciso porque o problema continuava, e era necessário encontrar um meio para evitar as saídas ilegais.

O acordo não era ruim, mas eles não o cumpriram, e, na verdade, ainda naquele período ninguém havia se dado conta do papel nefasto daquela Lei de Ajuste, que foi sendo interpretada, interpretada e interpretada, para que lhe acrescentarem coisas (RAMONET, 2016, p. 308).

Fidel Castro não esconde seu descontentamento por uma falta de rigor no cumprimento dos acordos por parte dos EUA. É importante lembrar que os cubanos de Mariel eram compostos por uma maioria da população negra e vinham das classes mais baixas de Cuba que tinham esperança de uma vida melhor nos Estados Unidos, mas se confrontaram com uma vida sem alguns serviços gratuitos como saúde, educação e instalações esportivas no novo país. A repercussão dessa onda foi maior do que as anteriores, pois a ilha recebeu muitos repórteres querendo noticiar aquelas histórias que levaram milhares a saírem de seu país natal (GOTT, 2006, p. 302).

2.1.1.1 A crise dos balseiros (1994)

Após a queda do muro de Berlim (1989) muitos cubanos que viviam nos Estados Unidos tiveram esperança que o comunismo ruísse também em Cuba. Fidel Castro pediu aos cubanos mais sacrifícios no que ficou conhecido como *Período Especial em Tempos de Paz*. Neste período, Cuba abriu-se para o turismo ainda mais e permitiu a circulação de dólares estadunidenses e o funcionamento de restaurantes abertos na casa do proprietário, os chamados *paladares*, prestadores de serviços só aos estrangeiros. Apesar dessa busca para manter a Revolução, não foi possível evitar uma nova crise de emigração em agosto de 1994 quando uma multidão enraivecida se reuniu no Malecón depois que um grupo tentou sequestrar um barco no porto causando confronto com a polícia (GOTT, 2006, p. 325)

Castro foi obrigado a intervir e amenizou temporariamente a situação ao ir pessoalmente conversar com essas pessoas que desejavam deixar a ilha. Mas isso não impediu que muitos corressem riscos em jangadas, balsas ou mesmo em pequenos botes para chegar aos



Estados Unidos. Como acontecia frequentemente a maioria conseguia chegar, mas muitos ficavam no meio do caminho. Sobre o período Fidel Castro afirma:

Então, foi naquele período que a Lei de Ajuste se transformou num instrumento para se transladar para os Estados Unidos, e, além disso, num instrumento de propaganda poderosíssimo. Em 1994, no “período especial”, eram menos de mil os que saíam legalmente com vistos, e uns 5 ou 6 mil que se transladavam ilegalmente para se beneficiar da Lei de Ajuste. Como eles não cumpriram o acordo de 1984, o caminho para quem queria emigrar para os Estados Unidos era a Lei de Ajuste. Mas quem recorria a essa lei, como sempre, não era um professor, um trabalhador, ou alguém sem antecedentes criminais... As pessoas com essas características não eram as que costumavam ir de forma ilegal, roubando barcos e lanchas. Os que faziam isso eram elementos de outro tipo: lúmpen, gente fora da lei, essa categoria. Foram estes os que provocaram aquele distúrbio em Havana em agosto de 1994 (RAMONET, 2016, p. 312).

O governo Clinton concedeu ainda o que ficou conhecida como a *política dos pés secos, pés molhados*, que regia aqueles que tocassem o solo dos Estados Unidos receberiam abrigo e todos os benefícios garantidos pela Lei do Ajuste. Por outro lado, caso fossem pegos no mar ou mesmo perto da costa ainda com os pés molhados seriam devolvidos a Cuba. Quando Ignácio Ramonet (2016, p.315) questiona Fidel Castro sobre os motivos dessa emigração ele atribui razões econômicas, segundo ele “emigraram porque queriam um automóvel; porque queriam viver em uma sociedade de consumo, muito divulgada” ele enfatiza mais uma vez o caráter sedutor que exerce os EUA sobre os cubanos, especialmente no aspecto econômico.

A Lei da Democracia Cubana ou a chamada *Lei Torricelli* foi lançada no ano de 1992 patrocinada pelo democrata Robert Torricelli de Nova Jersey. O objetivo era prejudicar o comércio de Cuba agravando mais as já existentes sanções. O historiador Richard Gott (2006, p.340) nos apresenta algumas delas: "empresas subsidiárias de companhias norte-americanas seriam proibidas de comercializar com Cuba, e navios estrangeiros que entrassem em portos cubanos seriam proibidos de carregar ou descarregar em portos norte-americanos por um período de seis meses". A lei foi aprovada no governo do presidente George H.W.Bush.

A situação se agravou quando o grupo *Irmãos para o Resgate*, que eram portadores de aviões e resgatavam balseiros cubanos que desejavam ir para os EUA, em uma dessas viagens invadiram o espaço aéreo cubano aproveitando para espalhar panfletos contra a revolução irritando o governo que derrubou dois aviões do grupo, causando a morte de quatro homens. Cuba não se responsabilizou pelo ocorrido e a comoção da opinião pública obrigou Clinton a assinar a *Lei Helms-Burton*. O primeiro que dava nome a lei era o senador Jesse Helms, republicano da Carolina do Norte, o segundo Dan Burton, congressista republicano de Indiana,



juntamente com o apoio da Fundação Nacional Cubana Americana (FNCA) e do grupo Rum Bacardi– que tentava recuperar suas propriedades de açúcar expropriadas por Castro desde a década de 1960 (FERREIRA, 2015, p. 212).

Na *Lei Helms-Burton* imperava a imposição da democracia em Cuba pelos EUA, além do afastamento completo e total de Fidel Castro e seu irmão que deveriam ser banidos da vida política na ilha. O novo governo seria reconhecido mediante pagamento de indenização aos norte-americanos e cubano-norte-americanos cujas propriedades tivessem sido expropriadas. O poder em relação às decisões tomadas em Cuba foi tirado das mãos do presidente e dado ao congresso, tornando difícil que o embargo econômico fosse facilmente revogado, tendo em vista a influência dos cubano-americanos na política (FERREIRA, 2015, p. 212-213).

O fato é que a comunidade cubana se tornou importante para as eleições dos EUA. Essa crise migratória atingiu a opinião pública internacional no ano de 1999 no caso de Elián González, único sobrevivente de uma tragédia ao mar que matou sua mãe e os demais passageiros durante a travessia. Os tios nos Estados Unidos disputaram a guarda da criança com o pai que vivia em Cuba. Os cubano-americanos queriam que o menino permanecesse com os tios, mas nas ruas as opiniões dos norte-americanos eram favoráveis que o menino ficasse com o pai. A disputa durou mais de seis meses até que o pai ganhou a causa (GOTT, 2006, p. 348-349).

3 AS MIGRAÇÕES NO SÉCULO XXI: NOVOS DIÁLOGOS

As emigrações continuaram sob novas rotas nesse início de século. O México se tornou posto de entrada de muitos cubanos que trocavam os perigos do mar pela escala até chegar aos Estados Unidos. A chamada política dos *pés secos, pés molhados* garante os mesmos direitos aos cubanos que chegam por terra. Estima-se que entre outubro de 2006 e setembro de 2008 quase 12.000 cubanos entraram no México antes de chegar aos EUA (GONZÁLEZ, 2011, p. 12-14). Como mostra Moniz Bandeira (2009, p. 678):

O tráfico humano de Cuba para o sul da Flórida nunca cessara. Contudo, as autoridades americanas alarmaram-se em 2001 por causa do crescimento inusitado do fluxo ilegal de imigrantes cubanos para os Estados Unidos, cujo número alcançou o montante de 2.290, a maior cifra desde a crise dos balseiros de 1994, superando as cifras de 1999 (2.254) e de 2000 (1.820) [...] Até setembro de 2002, a Border Patrol registrou a chegada aos Estados Unidos, ilegalmente, de 1.335 cubanos.



Em 2006, Fidel Castro publicamente admitiu que por motivos de saúde seu irmão Raul Castro assumiria o principal lugar do governo cubano, o qual passou a ocupar o cargo de forma definitiva a partir de 2008. A partir de 2009, o democrata Barack Obama abriu um novo capítulo nas relações entre Estados Unidos e Cuba, como prometido em sua campanha. Ainda neste ano, Cuba foi convidada a voltar para a Organização dos Estados Americanos, revogando assim a decisão que o expulsou em 1962, mas o país recusou a oferta, embora a situação esteja em aberto até os dias atuais. Um importante avanço em Cuba ocorreu com a mudança da lei sobre imigração datada de 1976, em 2012. De acordo com a nova lei não seria mais necessário pagar 150 pesos cubanos pela *tarjeta blanca* ou cartão branco que era uma permissão para saída entregue pelas autoridades assim como não havia mais a necessidade de uma carta convite de algum estrangeiro para deixar Cuba.

Durante a reaproximação entre Cuba e Estados Unidos os números migratórios aumentaram: em 2015 era de 43.159 e em 2016 passou a 63.000, cubanos que entraram principalmente pela fronteira do México⁴. Esse aumento do número revelou um temor de perda dos direitos que os EUA ofereciam aos cubanos tornando a situação contraditória, pois quanto mais a possibilidade de retomada das relações aumentava, maior era o número de cubanos que deixavam a ilha para chegar aos EUA e usufruir dos direitos historicamente conquistados.

Quando parecia que Cuba e Estados Unidos caminhavam para um acerto histórico, o mandato de Barack Obama anunciava seu término, mas antes ele pôs fim a política dos *pés secos, pés molhados* atendendo a um pedido do governo cubano que sempre considerou tal política como uma iniciativa a saída da sua população⁵, porém ainda está em voga a *Lei de Ajuste Cubano* e seus benefícios aos cubanos que chegarem aos Estados Unidos. Apesar dos avanços entre os países, com o fim do governo Obama as incertezas sobre o andamento dessas políticas migratórias são sentidas pela comunidade cubana, que ainda encontram nos Estados Unidos uma forma de abrigo.

4 CONCLUSÃO

⁴ Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2017/01/12/internacional/1484257647_081706.html>. Acesso em 09/12/2017.

⁵ Ibidem.



Podemos concluir que ao longo da história cubana a política e as condições sociais foram fatores que levaram à emigração. Assim como se conheceu a opinião crítica de Castro sobre tais eventos. Percebeu-se que antes mesmo da Revolução, havia essa saída de cubanos para os EUA motivados pelo sonho de conhecer a América e depois da Revolução somou-se o desejo por uma vida melhor, ou ao menos, diferente da que se encontrava em Cuba. É interessante notar que apesar das muitas divergências entre os dois países, esses processos levaram a um diálogo entre os dois países resultando em acordos entre eles ao longo de uma história conflituosa.

O objetivo deste artigo não é esgotar o assunto e sim oferecer uma rápida leitura sobre os processos migratórios cubanos para os Estados Unidos que criaram leis da parte estadunidense e forçaram os dois países a manterem um diálogo ao longo das décadas. O assunto das migrações é um assunto de especial destaque nos dias atuais e aqui busco aliar a história a alguns destes processos que ocorrem na América Latina.

As falas de Fidel Castro apresentadas aqui buscam mostrar um pouco do lado cubano durante as crises. O cubano mostrou opiniões críticas em relação ao assunto principalmente sobre a forma diferenciada com que os cubanos são tratados em relação a *Lei do Ajuste Cubano*. Com a fala do cubano podemos ter em primeira mão posicionamento que ajuda a compreender este período.

As migrações de Camarioca carregam as decepções com o rumo da administração de Fidel Castro. Após ele caracterizar a revolução como marxista-leninista em 1962, os cubanos que não admitiam o comunismo foram parte dos que emigraram para os EUA e lá esperaram o fim do governo Castro, esperança depositada no *drink* Cuba – Livre, uma mistura de Rum e Coca-Cola, importantes bebidas da cultura cubana e Estado-unidense. Os que emigraram nessa data são o grupo que mais apresentam opiniões contrárias de qualquer abertura quanto a ilha, principalmente em relação ao fim do embargo. Esse grupo adquiriu grande poder político no congresso perpetuando seu poder e posicionamento em relação a política dos EUA para a ilha.

A crise do Porto de Mariel foi originada de um conflito na embaixada do Peru em Cuba que acabou reverberando nos EUA onde o então presidente Carter ofereceu abrigo. Dentre razões que levaram esse processo está a econômica, principalmente por parte da população pobre de Cuba que buscava nos EUA novas oportunidades de ascensão. Com o fim da URSS a crise econômica atingiu a ilha de forma brutal no que ficou conhecido como *Período Especial em Tempo de Paz*, onde a falta de alimentos e serviços como a falta de eletricidade levaram



muitos a se arriscarem em balsas para chegarem aos EUA levando o governo Clinton a decretar a política dos *pés secos, pés molhados* que garantia abrigo aos cubanos que pisassem em solo estado-unidense. Ao final da década o caso Elian González dividiu a opinião internacional de muitos que acompanharam a disputa entre o pai em Cuba e os parentes nos EUA. Depois de grande repercussão o garoto retornou a Cuba para viver com seu pai.

Com a situação crítica entre Cuba e EUA durante o governo Bush, foi no governo de Barack Obama que mudanças significativas foram feitas. As embaixadas foram reabertas em cada país e significativas mudanças ocorreram mas, infelizmente, com o fim do governo Obama, que decretou o fim da política dos *pés secos, pés molhados*, o que, de certa forma, corroborou o fato do aumento do número de imigrações ter aumentado durante o período de restabelecimento das relações diplomáticas entre os países. Com os novos governos, tanto em Cuba com Miguel Díaz-Canel, como nos EUA com Donald Trump, novos capítulos ainda estão para ser escritos na história das duas nações.

Espero que o leitor tenha compreendido meu objetivo e que tenha sido motivado a buscar mais informações sobre os tópicos que despertaram maior interesse e, quem sabe, desperte o interesse de escrever algo para contribuir com tal temática, pois se tem algo que sabemos, é que os pontos finais da história não são definitivos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEZERRA, Gustavo. **Da revolução ao reatamento**: a política externa brasileira e a questão cubana (1959-1986). Brasília: FUNAG, 2012.

DÍAZ, Antonio Aja. **La Emigracion cubana hacia Estados Unidos a la luz de su política inmigratoria**. Havana: CLACSO, 2002. Disponível em: <<http://biblioteca.clacso.edu.ar/Cuba/cemi-uh/20120821035541/laemig.pdf>>. Acesso em: 23 fev. 2017.

GOTT, Richard. **Cuba**: uma nova história. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

FELLET, João. **Em reunião histórica, Obama e Raul Castro trocam afagos**. BBC Brasil, Panamá. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/04/150411_reuniao_obama_raul_pai_jf>. Acesso em: 27 jan. 2018.

FERNÁNDEZ, Ileana. **Las encuestas sobre la inmigración cubana em el Sur de la Florida**: discurso político y conformación de la opinión pública. Havana. CLACSO, 2009. Disponível



em:<<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/Cuba/cemiuh/20110902023608/ANUARIO09.pdf>>. Acesso em: 23 fev. 2017.

FERREIRA, Marcos Alan S.V. Tensões em um passado não tão distante: as relações entre Cuba e Estados Unidos nos Governos Bill Clinton e George W. Bush. **MONÇÕES**, Dourados, v.4, n°7 jan-jun. 2015. Disponível em: <https://www.academia.edu/15576095/Tens%C3%B5es_em_um_Passado_n%C3%A3o_t%C3%A3o_distante_As_Rel%C3%A7%C3%B5es_entre_Cuba_e_Estados_Unidos_nos_Governos_Bill_Clinton_e_George_W._Bush_Tensions_in_a_near_past_CubaU.S._Relations_in_Bill_Clinton_and_George_W._Bush_administrations_>. Acesso em: 13 dez. 2017.

GONZÁLEZ, Andrés. **La Salida irregular del territorio nacional y el tráfico ilegal migratorio de personas como delito conexo**. Cuba: Matanzas, 2011. Disponível em: <<http://monografias.umcc.cu/monos/2011/FUM%20JAGUEY%20GRANDE/mo11jg12.pdf>>. Acesso em: 23 fev. 2017

MORAIS, Fernando. **Os últimos soldados da Guerra Fria**. São Paulo: Companhia das letras, 2011. Disponível em: <<http://lelivros.love/book/download-os-ultimos-soldados-da-guerra-fria-fernando-morais-em-epub-mobi-e-pdf/>>. Acesso em: 10 nov. 2017.

MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. **De Martí a Fidel: a revolução cubana e a América Latina**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

MORRONE, Priscila. **A Fundação Nacional Cubano-Americana (FNCA) na Política Externa dos Estados Unidos para Cuba**. 2008. 135p. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) São Paulo: Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais “San Tiago Dantas”, 2008. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/96285/morrone_p_me_mar.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em: 07 abr. 2019.

RAMONET, Ignácio. **Fidel Castro: biografia a duas vozes**. São Paulo: Boitempo, 2016.

RODRIGUEZ MARTÍNEZ, Miriam. **Las relaciones Cuba-Estados Unidos: migración y conflicto**. Havana: CLACSO, 2003. Disponível em: <<http://biblioteca.clacso.edu.ar/Cuba/cemi-uh/20120821040845/cubaeuu.pdf>>. Acesso em: 24 fev. 2017.

VIGLUCCI, ANDRES. Fidel Castro: Unwitting father of modern Miami. **The Miami Herald**, Estados Unidos, 2016. Disponível em: <<http://www.miamiherald.com/news/local/community/miami-dade/article118269088.html>>. Acesso em: 14 jan. 2018.